
EDITORIAL

KARL RAHNER: O SEGREDO DE UMA OBRA TEOLÓGICA

"Karl Rahner marcou com o seu pensamento todo o background teológico desde o qual praticamos hoje teologia católica" (J. B. Metz). Por isso mesmo, seu falecimento a 30 de março p.p., pouco menos de um mês depois de ter completado 80 anos, foi pranteado por quantos são capazes de avaliar o impulso que deu à teologia. Sua produção teológica merece os adjetivos de gigantesca e monumental não só pela quantidade (quase 4.000 títulos), mas principalmente por sua qualidade. Nossa revista se une modestamente ao coro de vozes que se levantam por toda a parte, louvando a Deus pela vida e obra (inseparáveis nele) de Karl Rahner, que se tornou já um clássico da teologia do século XX.

Onde está o segredo da extraordinária força de atração, de irradiação e de influência da obra teológica de Rahner? Não existe propriamente um segredo. O segredo é plural. Ele está num conjunto de qualidades inerentes ao método e ao conteúdo de seu pensamento teológico. Na teologia de Rahner estão sempre presentes, de maneira mais implícita ou mais explícita, segundo a natureza do tema abordado e o gênero literário escolhido, o conhecimento da Tradição e do pensamento moderno, a lucidez da análise e o vigor da síntese, a potência especulativa e a sensibilidade para perceber o núcleo e a complexidade do problema em questão, a inteligência para iluminar com uma luz nova as questões em debate e a segurança quase instintiva na indicação das pistas de resposta.

Diante da profundidade e da vastidão da obra de Karl Rahner, sente-se, de imediato, o embaraço da escolha; uma quase paralisia frente à necessidade de ter que dizer algo e poder dizer só muito pouco. Nossa opção caiu finalmente sobre três dimensões dessa obra teológica que consideramos fundamentais e ao mesmo tempo especialmente relevantes para o afazer teológico na América Latina.

Teologia orante

A prática teológica de Karl Rahner tem sua origem e seu centro na oração, na experiência de Deus dos Exercícios de Santo Inácio; e

tem, como objetivo último, conduzir à experiência de Deus. Neste sentido, toda sua teologia é, do começo ao fim, mistagógica. Esta tese, que talvez soe estranhamente, é defendida por Klaus P. Fischer no seu magistral estudo sobre a antropologia de Karl Rahner (*Der Mensch als Geheimnis. Die Anthropologie Karl Rahners*, Freiburg i. Br., 1974). E foi confirmada pelo próprio Rahner numa entrevista de 1978: "Sobre isso não quero, como é natural, falar muito porque, afinal, não diz respeito a ninguém mais. Mas eu creio certamente que em comparação com a influência que qualquer filosofia e teologia tenham exercido sobre mim, a espiritualidade inaciana foi sem dúvida alguma a influência mais significativa e mais importante (...). A espiritualidade do próprio Inácio, que recebemos através da prática da oração e da formação religiosa, foi para mim de maior importância que toda a filosofia e teologia doutra ensinada dentro e fora da Ordem". J. B. Metz caracterizou a teologia de Rahner como "biografia mística", isto é, como narrativa condensada da própria vida diante do rosto oculto de Deus e inscrita na doxografia da fé. Em "Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta de hoje", escrito de 1978, Rahner mesmo autobiografa a sua mais profunda experiência espiritual e teológica: "Eu experimentei a Deus, ao inominável e insondável, ao silencioso e contudo próximo, na sua doação trinitária a mim (...). Uma coisa, contudo, continua sendo certa: que o homem pode experimentar pessoalmente a Deus. E vossa pastoral deveria, sempre e em qualquer circunstância, ter presente esta meta inexorável".

Descoberto o manancial secreto de onde brota toda sua teologia, tem-se de alguma maneira acesso às raízes últimas do sentido agudíssimo da transcendência de Deus, do Deus sempre maior agostiniano e inaciano, e ao mesmo tempo, do sentido igualmente agudo da proximidade de Deus que tanto nos impressiona quando lemos ou escutamos Karl Rahner. Aqui está o segredo da permanente juventude, da beleza, da força e da paixão do seu "discurso sobre Deus". Qualquer que seja o gênero literário, a teologia de Rahner tem sempre o sabor do novo e do original, do prístino e do lídimo, porque ela brota diretamente da fonte da sua experiência pessoal de Deus vivida na fé. Daqui derivam também o caráter concreto, a sensação de aderência à realidade de toda sua teologia, quer ela discorra sobre os temas aparentemente mais teóricos e abstratos quer analise os temas aparentemente mais banais da vida quotidiana como são o comer e o dormir, o andar e o sentar, ou o rir. Na reflexão-meditação teológica de Karl Rahner todas estas realidades ficam como que envolvidas e iluminadas pela proximidade do mistério de Deus, tornam-se transparentes à luz-graça de Deus.

Teologia dialogante e questionante

A teologia de Karl Rahner é, toda ela, diálogo com Deus, com a Tradição da Igreja, com o homem de hoje. Sua leitura da Tradição nunca é "positivista". Desde os seus primeiros estudos científicos sobre as fontes da teologia e da espiritualidade patristica e medieval, sua leitura é feita sempre com a preocupação de entender e praticar mais e melhor a fé na situação atual. A leitura dos textos antigos feita por Rahner descobre e faz descobrir sempre algo de novo neles. Ela enriquece sempre, e eventualmente corrige, a consciência e a prática eclesial da Igreja de hoje, operando desta maneira uma crítica das "tradições". É, enfim, uma leitura criadora: re-criando o passado, é criadora do futuro. Rahner pratica particularmente uma espécie de diálogo imanente com a teologia escolar (Schultheologie). Ele pode praticar frutiferamente este tipo de diálogo porque conhece a fundo o conteúdo e o método, as virtudes e os defeitos dessa teologia.

A sympathia de Karl Rahner pelo homem contemporâneo é ilimitada. Seu diálogo com ele não conhece fronteiras. Rahner está indubitavelmente convencido da possibilidade e da necessidade deste diálogo. Se o homem pode fazer a experiência de Deus em tudo, tudo o que se refere ao homem pode e deve ser objeto da teologia, desde as questões mais complexas e raras até as mais simples e quotidianas. Ao longo de meio século de labor teológico, Karl Rahner praticou de maneira conseqüente, incansavelmente, em todos os campos e nas formas mais variadas, este diálogo. Apenas se encontrará um tema significativo sobre o qual não se tenha pronunciado, indo sempre ao fundo da questão de maneira criativa e marcante.

Dialogante, o pensamento teológico de Karl Rahner é radicalmente questionante, atravessado pela questão. Diante dele, todo e qualquer tema é a priori objeto de questão e, portanto, questionável. A pergunta penetra, como uma perfuratriz, compacta e implacável, no âmago de todos os temas, mesmo daqueles que aparentemente gozam do direito adquirido de uma possessão da verdade secular e pacífica. A teologia de Rahner não tem, porém, nada de iconoclasta. Ele questiona como teólogo, buscando sempre uma melhor e maior intelecção da fé. Autocompreendendo-se como um teólogo que quer ser ao mesmo tempo confessor e mistagogo, pergunta para dar razão da própria esperança diante dos outros (1Pd 3, 15). Sua pergunta não é, portanto, retórica; ela é feita para provocar a resposta e para encontrar a resposta, a explicitação da fé. Rahner formula perguntas para que produzam frutos, para que catalizem a seiva nutriente da fé, da esperança, do amor, do serviço; isto é, para que alimentem a vida cristã. Dialoga e questiona porque é questionado ele mesmo como teólogo a partir dos problemas concretos

dos homens concretos no meio dos quais ele vive e a cujo serviço está. Neste sentido, as questões não são propriamente escolhidas por ele. São-lhe impostas pela vida, são exigidas pela prática da fé nas situações concretas em que se encontram os homens na Igreja e na sociedade. É esta sede de verdade e de vida a que mantém permanentemente acesa a chama apaixonada da pergunta na teologia de Rahner, chama que é dirigida por ele em todas as direções até que de alguma delas brote a luz.

Teologia eclesial

Não se trata de explicitar o óbvio: como teólogo dogmático, a matriz e o espaço vital da teologia de Karl Rahner são a fé e a Tradição da Igreja. A eclesialidade da teologia de Rahner caracteriza-se especificamente, em primeiro lugar, por não cultivar nenhuma espécie de eclesio-centrismo, seja na forma do triunfalismo seja na forma do integralismo introvertido e defensivo. O único absoluto é Deus. A Igreja é o sacramento da autodoação, absolutamente gratuita e definitivamente vitoriosa ("escatológica") de Deus à humanidade. Ela é servidora de Deus e dos homens no seguimento de Jesus.

Ligada à visão de uma Igreja que não possui de antemão respostas para todas as questões, que é não só Ecclesia docens, mas também Ecclesia discens, Ecclesia quaerens, Ecclesia semper reformanda, está uma segunda característica da teologia eclesial de Rahner: sua extraordinária sensibilidade para compreender, acompanhar e estimular os novos caminhos da reflexão e da prática eclesial. Karl Rahner, "a mais forte potência teológica do nosso tempo", segundo Hans Urs von Balthasar, nunca foi um mero especulador de conceitos ou um "teólogo de gabinete". Sua teologia foi sempre concebida e praticada como um serviço prestado à edificação da Igreja. Para este serviço ele considera tão importantes os seus livros "piedosos" quanto os seus estudos de teologia qualificada de "científica"

A dimensão eclesial da teologia de Rahner manifesta-se também na sua preocupação pastoral. Ele entende a teologia pastoral não como mera aplicação ou conseqüência da teologia dogmática. O Handbuch der Pastoraltheologie (cinco volumes aparecidos entre 1964 e 1969), do qual é um dos idealizadores e co-editor, quer fazer uma teologia prática que seja reflexão sobre a vida (Selbstvollzug) atual da Igreja. Debruçando-se sobre a figura concreta da Igreja atual, a teologia prática de Rahner (e de certa forma toda sua teologia tem essa dimensão, já que "em cada porção de teologia deve estar presente de certa forma toda a teologia, se é que esta porção quer ser realmente teologia") é uma reflexão concreta sobre a Igreja, reflexão ao mesmo tempo crítica e normativa.

E, embora partindo da análise do momento atual, ultrapassa o dado imediato para tornar-se uma teologia profética, que abre pistas para o futuro da Igreja. É nesse contexto que ele defende o "tuciorismo da audácia".

*É daqui que se entende outro traço importante da eclesialidade da teologia de Karl Rahner: seu caráter inovador e mesmo não conformista e crítico. Sua "palavra crítica", ao mesmo tempo corajosa e humilde, direta e leal, vem de longe. Já antes da II Guerra Mundial, como jovem teólogo, Rahner propõe o caminho do diálogo aberto, do debate à luz do dia, como saída da situação de desconfiança e de desconforto em que se encontravam os teólogos devido a suspeitas provindas de Roma e a manobras por trás dos bastidores. Mas será principalmente na década de 50, no clima que se seguiu à publicação da Encíclica **Humani Generis**, que Karl Rahner defenderá "a palavra livre na Igreja". Foi sobretudo então que experimentou mais intensamente as suspeitas e acusações, as ameaças e censuras, diante das quais, aliás, reagiu com a naturalidade e a simplicidade de um homem verdadeiramente livre. As críticas de Rahner tornaram-se mais freqüentes e mais contundentes na década de 70. Elas traduzem uma profunda preocupação com o que ele julga ser uma paralisação e até um retrocesso da renovação conciliar, na qual havia depositado tantas esperanças; e também com a polarização da Igreja que daí decorre. Tais críticas têm chocado, molestado e até escandalizado. Nenhuma delas, porém, sai do âmbito da fé católica. Todas elas, formuladas aberta e honestamente desde dentro da Igreja, brotam de um amor inquebrantavelmente fiel à mesma Igreja. Quando a palavra crítica de Rahner ou sua denúncia profética se tornam mais incisivas ou mais veementes é porque sua "anima naturaliter ecclesiastica" (J. B. Metz) está mais ferida, é porque lhe dói mais no coração. Um coração que, eventualmente magoado mas nunca amargurado, continua amando tão apaixonadamente a Igreja como sempre, e continua esperando contra toda esperança.*

Qual é a força propulsora que lança Karl Rahner, como que compulsivamente, no meio dos problemas e dos conflitos? Não é certamente um exibicionismo frívolo nem um desejo tolo de aparecer como moderno. A prova desta afirmação, se de prova ela carecesse, está em que quando se trata de defender o que julga ser a ortodoxia da fé ou o melhor serviço da Igreja, ele não tem receio algum de ser considerado antiquado ou de tornar-se impopular. A força que impulsiona Karl Rahner para empenhar-se, com toda a sua inteligência e com todo o seu coração, nos debates e nos combates é simplesmente o desejo de servir aos homens dentro e fora da Igreja.

As afirmações que precedem não querem dizer, é claro, que Karl

Rahner tenha sempre plenamente razão em todas as suas críticas e propostas (esta é, aliás, outra de suas características: quando faz críticas, Rahner oferece simultaneamente propostas alternativas). Nem ele o pretende. O que pretende é que seja percebido que naquilo que é objeto de sua crítica há um problema que exige uma resposta nova, para que a Igreja possa anunciar e praticar mais fielmente o Evangelho de Jesus Cristo como resposta às necessidades e aspirações do homem contemporâneo.

Evidentemente, o homem contemporâneo com o qual dialoga a teologia de Karl Rahner é, imediata e primariamente, o homem burguês da Europa Central. O conjunto das questões dessa teologia não coincidirá portanto com as questões mais importantes e urgentes que deverão ser abordadas pela teologia na América Latina. Mas o teólogo latino-americano que tiver aprendido com Rahner a ler os clássicos da teologia como ele os leu: de maneira criadora, e a dialogar e questionar como ele dialogou e questionou: desde as profundidades da experiência de Deus e do conhecimento da Tradição, com o olhar sempre voltado para a situação concreta da Igreja atual, esse teólogo saberá fazer a teologia certa para o seu contexto.